

2889

**IDILIO PASTORIL,  
SENTIMENTAL,  
QUEIXAS MAVIOSAS,  
E  
SAUDADES TERNAS  
DOS PASTORES DO TE'JO  
NA AUSENCIA DOS SEUS  
AMABILISSIMOS MAIORAES.**

Allude-se ao inexplicavel sentimento, que enlutou os corações de todos os Vassallos, e fiéis Portuguezes, amantes da Religião, e da Monarquia, na ausencia de seus Augustissimos, Prezadissimos, e Amabillissimos SOBERANOS para o Rio de Janeiro, no sempre memoravel dia 29 de Novembro de 1807, e á Entrada aleivosa, Juinas, e profanações, que os pérfidos, abominaveis, e sacrilegos Francezes praticarão em nossos Reinos, e Provincias.

Por J. P. R. de C.

*J. P. R. de C.*



**LISBOA,  
NA IMPRESSÃO REGIA.**

ANNO 1808.

*Com licença.*

*Quis cognovit sensum Domini, aut conciliaris ejus fuit?*

Divus Paul. ad Rom. 11. v. 35.

*Mali velle judicare, si non vis errare.*

Divus Aug. Tract. 26. in Joannem.

IDIILIO PASTORIL  
SENTIMENTAL.

PASTOR JOSINO.

**E** Scutai lá de longe, ó Pai Ben'no,  
As ancias, afflicções, mágoas ferozes,  
Com que ausente de Vós vive Josino.

Tua Sonora Cythra, e doces vozes  
Me empresta, Arion Celeste, e Venturoso,  
Com que ao Delfim moveste contra atroses:

Certo estou que seria fortunoso,  
Se a tua melodia me empretaesses;  
Mas que póde alcançar hum desditoso?

Quiz a sorte, Pastor, vos apartasseis  
Para apartar de nós toda a alegria,  
E que submerso em penas nos deixasseis.

Amanhecer já mais vi claro o dia,  
Tristes sombras só palpo, nem pesquizo  
Dos leves passarinhos a harmonia.

Transtornado de todo tenho o siso,  
Corro, bem como louco, estas ladeiras,  
Ninguem já mais em mim vio ar de riso.

Saltar já não observo as ribanciras  
Os alegres, capripedes cabritos,  
Antes se dão ás feras carnicieras.

Pelos bosques se escutam tristes gritos,  
Em vez do canto das sonoras aves;  
Os frutos cahem no chão seccos, marchitos.

Os ares que até qui me erão suaves,  
Nos infundem sem Vós desassocegos;  
Tudo são afflicções, molestias graves.

De medonhos, teterrimos Morcegos  
Veio huma turba immensa rodear-nos,  
Que nos roubou a Paz, nossos socegos.

Vejo comvosco, em fim, desamparar-nos  
Toda a tranquillidade, e a alegria;  
Ah! Tornai, Bom Pastor, a visitar-nos.

Do sazonado fruto, que pendia,  
Só o negro se vê das amoreiras,  
Que em si retratão bem nossa agonia.

Só me recreia ouvir d'entre avelciras  
Da rôla gemedora o triste canto,  
E a mais turba das aves agoureiras:

Tarde, se ahi me deito, me levanto,  
Cevando em seus gemidos minhas mágoas;  
Pois minha saudade póde tanto.

Por eminentes, empinadas fragoas  
Desço insensato té a clara fonte,  
Que escutando meus ais suspende as agoas.

Trépo, correndo, ao mais elevado monte;  
E por ver se descubro a Aldeia Vossa,  
A vista estendo em torno do Horisonte:

A minha saudade então se adoça . . . .  
Mas que fui a dizer? Mais se remonta;  
Porque então mais avisto a ausencia nossa.

Eu trago, como louco, a idéa tonta:  
Vomitou contra nós o negro Inferno,  
Maldita turba, das Nações a affronta:

Que sacrilego insulto! ó Deos Eterno!  
Os Templos profanados, e os Altares!  
Morto a desgostos, o Pastor Superno!

Os raios, que conservas a milhares,  
Inda não vibra tua Mão Sagrada?  
Não he tempo, meu Deos, de os castigares?

Soffres esta Nação impia e malvada,  
Este Verdugo Vil da humanidade,  
Contra Vós, contra a vossa Esposa Amada?

Ah! Conheço, ó Senhor, minha maldade;  
Talvez, por minhas culpas, os Bons chorem  
Deste Assassino vil a atrocidade:

Se o motivo sou eu, não me demorem  
Meus dias criminosos e nocivos  
A'quelles, que a Lei prezem, que a adorem.

Tirar-se deve aquelle d'entre os vivos,  
Que a san'a Paz lhes turba, sim, he justo  
Pôr termo a meus delictos excessivos.

O sabio Pomareiro, a todo o custo,  
O tronco inutil corta, e vicioso,  
Porque não damne o mais virente arbusto.

O morrer me será mais saboroso,  
Do que o viver em tanto sentimento;  
Que a morte he mais que a vida a hum desditoso.

He este, Amado Pai, hum pensamento,  
Q' á idéa lembra, e ao coração lacera,  
Extinguindo de todo o soffrimento;

Mas o Numen que a terra, e os Ceos impetra,  
Instantaneo me acode, e compassivo  
A paixão descomolta me modera.

Recordar-me então faz, que se inda vivo,  
He da sua Clemencia Dom Sobrano,  
Q' d'Elle esperar devo o leuitivo:

Q' Elle, qual Pomarivo, não insano,  
Não córta o tronco, que ora não deo fruto;  
Mas que espera, piedoso, hum e outro anno:

Que separe de mim o furor bruto  
Supportando da vida os dissabores,  
Os pezares, e as penas, com que luto:

Que Elle tem convertido os soffredores  
Em Chefes de Virtude, e os que exesperão  
De eternas penas são merecedores.

Estas idéas minhas dôr moderão;  
Tão resignado estou em mágoas tantas,  
Que beijar inda espero as Regias Plantas,  
Dom sublime das Mãos, que aos Reis imperão.